

## A ARTE NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO

MARIA JOSÉ SIMÃO DO ROSÁRIO\*

*"A mais bela coisa que podemos sentir é o lado misterioso da vida. É o sentimento profundo que se encontra no berço da arte e da verdadeira ciência"*

ALBERT EINSTEIN. IN: Aprender a Ser, pág. 127

**A** sumária digressão reflexiva que nos propomos fazer sobre esta temática, pretende apenas sistematizar alguns dos preconceitos ideológicos que existem sobre o campo artístico (em particular no âmbito das artes visuais) e, de alguma forma, contribuir para levantar questões que ajudem a delimitar a necessidade dum enquadramento socio-educativo da arte, chamando a atenção para o contributo que uma análise teórico-metodológica mais séria sobre o campo da arte pode trazer para o campo científico, nomeadamente, em termos de um olhar original.

A maior parte das nossas concepções acerca da arte assentam no estereo-

tipo de identificar arte com beleza. Ora não é de mais sublinhar que a arte não é necessariamente bela, bastando para justificar esta afirmação chamar a atenção, não só para a evolução da arte ao longo da história, como para a diversidade das suas manifestações contemporâneas nas sociedades actuais.

O significado histórico do conceito de beleza é limitado e está ligado à expressão de qualquer ideal a que o artista dá concretização plástica.

Também a concepção de artista como um tipo particular de pessoa - criativa, imaginativa, especial - mais do que

\* Docente da ESE de Beja

um possuidor de determinadas capacidades, está historicamente balizada. Foi com a Renascença e, sobretudo, com o Romantismo, que a categoria de "artista" adquiriu esta conotação de singularidade e originalidade, atributos que, paradoxalmente, eram pouco consentâneos com a nova ordem social e económica que se procurava estabelecer, resultante da revolução industrial, da produção em massa.

Contudo, a atribuição desta categoria não era extensiva a todos, pois quer as mulheres, quer os indivíduos pertencentes às culturas não europeias dela estavam excluídas. Efectivamente, o apagamento do papel desempenhado pelo sexo feminino neste campo tem sido minimizado, senão ignorado, ao longo da história da arte. A crítica, que se tem interessado por este assunto, sobretudo, a feminista, tem revelado que o que é identificado como arte pelos historiadores constitui sempre uma selecção do que está disponível do passado e que esta selecção é determinada por interesses e objectivos actuais. O que demonstra e, simultaneamente, confirma que o que conta e é valorizado como arte constitui sempre uma questão social.

É, também, o fluxo histórico que nos permite afirmar que o valor da arte é relativo, inseparável das Instituições e dos grupos sociais que a produzem, divulgam e consomem.

Assim, desde o século 18, a arte que desempenhou funções diversas, desempenha uma particular, a estética - a percepção de qualidades materiais e formas agradáveis - centrada na "beleza", "proporção", "harmonia" e "forma".

A actual concepção da arte está fortemente enquadrada pela história biográfica do artista - isto é um Amadeo Sousa Cardoso, aquilo um Vieira da Silva - e não deixa de ser instrutivo do ponto de vista do contexto socio-histórico e das convenções artísticas dominantes, com-

parar em termos de evolução biográfica, trabalhos do mesmo artista.

Este tipo de visão sobre o artista, associado à imagem do criador insólito e solitário que revela através da sua obra um universo profundamente original, tende actualmente a perder peso e razão de ser, dado o contexto de evolução do circuito social das artes em que se tem verificado a universalização das referências, a mercantilização crescente das obras de arte e, a aplicação ao campo artístico das novas tecnologias da informação - o que levanta novas questões de que ressalta a originalidade da obra de arte - fenómenos que acompanham as mutações tecnológicas e socio-económicas.

O aumento generalizado do interesse pelos temas culturais e artísticos - parece sobrepôr-se gradualmente a um espaço ocupado pelo debate ideológico-político - se, por um lado, tem a ver com uma orientação esteticizante como forma de investimento emocional e intelectual, por outro lado, corresponde à procura de novos bens capazes de, face à instabilidade do sistema monetário internacional, funcionar como reserva de valor.

Esta constatação empírica permite-nos realçar a importância da necessidade de uma análise sociológica, que possibilitasse um exame sobre o tipo e intensidade de relações que se estabelecem entre o mundo da arte e a sociedade global, a qual no mínimo contribuiria para apreender e compreender a complexidade da teia de interrelações existente entre a estratificação dos gostos e sensibilidades dos públicos e a produção e divulgação de objectos artísticos.

As consequências da tendência para a valorização esteticizante do real, a nível do enquadramento das políticas culturais e de lazer, seriam outros aspectos que poderiam ser reequacionados em função da análise referida.

A lógica do raciocínio por nós desenvolvido conduz-nos a colocar a questão da função social da arte, em termos genéricos e parciais, como o meio de colocar o homem em equilíbrio com o seu ambiente. No essencial, a arte é comunicação, esclarecimento e incitamento à acção, expressando valores morais e sociais universais, que enquadram a estrutura da consciência moral colectiva, independentemente da relatividade socio-cultural.

Será através do papel que a arte pode desempenhar na educação (sistema de ensino), que ela poderá cabalmente desempenhar as suas funções. Efectivamente, para além de uma nova abordagem ou redescoberta do social, a arte permite ainda, segundo Read (1982), o desenvolvimento da originalidade, consciência social e reciprocidade individuais, mediante a estimulação da imaginação e da percepção.

A educação estética e artística ao fundamentar-se na percepção pessoal adquirida na experiência sensorial, permite através de conceitos, processos e critérios específicos, estimular processos de descoberta e realização, os quais possibilitarão ao indivíduo comunicar, compreender e confrontar-se com o meio ambiente natural e social, assumindo desafios e resolvendo-os de forma criativa e diversificada.

A educação estética e visual, pelos aspectos referidos, necessita de ser devidamente perspectivada em termos de enquadramento curricular. Contudo, para além da posição legítima a que tem direito no quadro curricular do sistema de ensino, outra questão com que se confronta, tem a ver com o desfasamento entre os objectivos que se pretendem atingir e os processos (métodos e técnicas) de ensino, que enfermam genericamente o sistema, mas que se revelam particularmente lesivos no campo artístico. Sobretudo, se partilharmos com Read os princípios genéricos que devem nortear a educação esté-

tica, os quais só poderão considerar-se úteis no contexto do aluno e da sociedade em que vive, e que aquele autor enuncia da seguinte forma:

" 1 - A preservação da intensidade natural de todas as formas de percepção e sensação;

2 - A coordenação das várias formas de percepção e sensação umas com as outras e em relação com o ambiente;

3 - A expressão de sentimento de uma maneira comunicável;

4 - A expressão de uma maneira comunicável de formas de experiência mental que, de outro modo, ficariam parcial ou totalmente na inconsciência;

5 - A expressão do pensamento de maneira correcta."

(Read, 1982, p.22)

Uma das preocupações que se inscrevem actualmente no quadro dos sistemas de ensino ocidentais prende-se com o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos que as escolas devem proporcionar, a fim de contribuírem para a construção do "cidadão responsável". Para além das definições complexas que correspondem aos conceitos de "cidadão" e de "responsabilidade", o paradoxo daqui resultante é que para atingir este objectivo continua a enunciar-se, senão a dar-se prioridade a formas didácticas transmissivas e não à construção de situações que dêem oportunidades de vivenciar e experienciar esta qualidade, através da tomada de uma série diversificada de decisões possíveis.

Contudo, apesar das preocupações ideológicas e das propostas de intensões para as ultrapassar enunciadas nos princípios orientadores das políticas educativas, estas não têm contrapartidas

no terreno da prática pedagógica, devido às condições materiais, físicas, organizacionais e, sobretudo, às de âmbito institucional e curricular em que se continuam a privilegiar e a valorizar culturalmente conteúdos do domínio cognitivo, que são transmitidos através de formas de comunicação e expressão que têm como suporte a linguagem escrita e oral; em detrimento de outros domínios e formas de expressão.

O desequilíbrio na organização curricular e o desfazamento entre a teoria e a prática, que estão presentes nos sistemas de ensino, são característicos duma concepção positivista do desenvolvimento humano que privilegia a racionalidade em detrimento da afectividade. Esta deficiência dos sistemas de ensino geralmente reconhecida, poderia ser rectificada se o papel das artes fosse mais claramente compreendido no âmbito educativo, quer considerado numa estrutura disciplinar ou não.

A mediação qualitativa introduzida pela arte na resolução de problemas, permite dar respostas a carências e necessidades que existem a nível dos currículos escolares, a fim de proporcionar um maior equilíbrio entre desenvolvimento cognitivo e afectivo do ser humano.

Vejam os como o depoimento autobiográfico de Eisner (1991), do qual apresentamos uma adaptação traduzida, vem demonstrar como a interrelação dialéctica da arte e educação é duplamente enriquecedora para os dois campos:

" Uma das lições que aprendi da arte, que influenciou a minha visão de educação é que é através do refinamento da sensibilidade que a linguagem assegura o seu carácter semântico; uma outra, é que a vista constitui uma parte da mente; uma terceira, é que nem tudo o que nós conhecemos é dizível. (...)

(...) Outra das lições tem a ver com o facto de diferentes formas de arte colocarem-me no mundo de maneiras diferentes. Elas falam a diferentes aspectos da minha natureza e ajudam-me a descobrir a variedade de experiências que sou capaz de ter. (...)

(...) O meu trabalho nas artes influenciou a minha visão do ensino como uma actividade artística. O ensino é uma actividade construtiva cujos esforços resultam em formas que podem providenciar o que as belas artes providenciam - elevada consciência e experiência estética. (...)

(...) Das artes aprendi que a prática educativa não atinge a eficácia na uniformidade, mas alimentando a diversidade. (...)

(...) aprendi que o processo de resolução de um problema tem gratificações intrínsecas que são tão importantes como os resultados. Aprendi que os objectivos não são alvos estáveis, que se pretendem atingir, mas direcções através das quais se viaja. Aprendi que nenhuma parte duma composição, quer num quadro ou na escola, é independente do todo do qual participa. Aprendi que os modos científicos do conhecimento não são os únicos que informam e desenvolvem a cognição humana. Aprendi que, como actividade construtiva a ciência, tal como as belas artes são estruturas artisticamente criadas."

(Eisner, 1991, pp 11-19)

A importância do contributo que este olhar de Eisner nos proporciona sobre a dialéctica metodológica entre arte e o ensino, para além da sua validade intrínseca abre-nos horizontes apreciáveis em termos de exploração científica.

Com efeito a arte e o ensino, constituem vectores interactivos essenciais para a estimulação da imaginação e criatividade - qualidades fundamentais ao desenvolvimento individual e à evolução social e que estão na base da invenção científica e da criação artística.

Qualquer projecto educativo, de reforma ou de inovação, que procure atender aos desafios contemporâneos e prospectar sobre o imprevisível mundo de amanhã, não pode omitir a dialéctica interactiva pluralmente positiva dos vectores acima referidos, com os quais terá necessariamente que entrar em consideração, a fim de perspectivar linhas orientadoras de articulação que permitam um maior equilíbrio entre o desenvolvimento afectivo e cognitivo.

Com esta breve reflexão não tivemos mais pretensão do que chamar a atenção para possíveis e válidas orientações para o problema de sempre, da reconciliação do desenvolvimento individual com a unidade orgânica do social em termos de harmonização recíproca.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

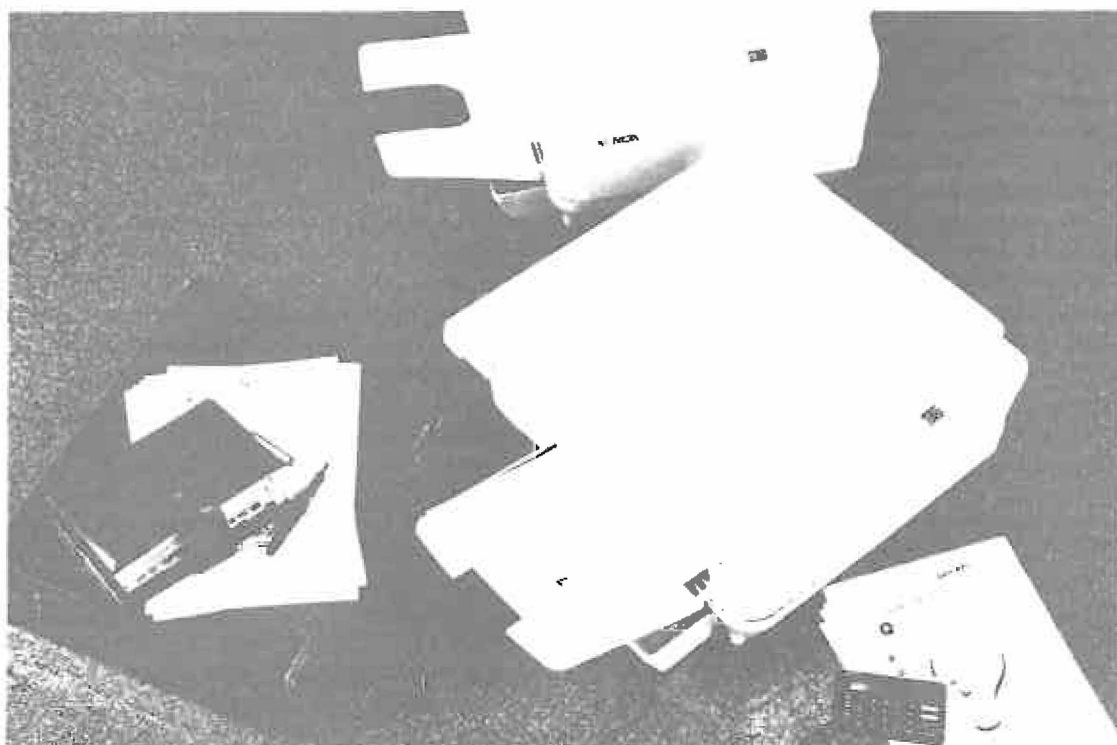
- FAURE, Edgar; 1977, *Aprender a Ser*; Lisboa; Livraria Bertrand.  
READ, Herbert; 1982, *A Educação pela Arte*; Lisboa; Edições 70.  
EISNER, Elliot W.; "What the Arts Taught me About Education" in *Art Education* /Sept. 1991; pp. 11-19

Assina

LER  
educação

RANK XEROX

## Os novos copiadores pessoais Xerox



### Xerox 5009 e 5009 RE

PEQUENOS E FUNCIONAIS COPIADORES PESSOAIS

- Duas versões com ou sem redeira
- 7 Escalas de educação de imagem
- Velocidade 8 cópias por minuto
- Bateria de cópia recilim
- Reduzido tempo de aquecimento
- Seleção de cópias até 50
- Alimentador manual para cópia de qualquer tipo de suporte
- Bandeja para 250 folhas
- Formato de suporte de cópia até A4
- 4 Cores alternativas para obtenção de cópia
- Qualidade de cópia Xerox



RANK XEROX  
The Document Company  
Fazemos equipas consigo

Distribuidor Autorizado



22167

B E J A